

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

UMA ANÁLISE DO DICURSO HUMORÍSTICO DE SOUTH PARK

Mateus Pranzetti Paul Gruda
mateusbeatle@hotmail.com

Mestrando
 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), FCL/Assis

José Sterza Justo
justo@assis.unesp.br

Livre Docente
 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), FCL/Assis

O ser humano para interagir com o mundo e com os outros que o cercam se comunica. O ato de se comunicar pressupõe uma linguagem e ela pode ser expressa em mais de uma modalidade, como a linguagem verbal (fala, música, etc.) e a linguagem não-verbal (mímicas, imagens, etc.). Esses diversos modos de expressão da linguagem subscrevem o campo de estudo da lingüística (SAUSURRE, Curso de Lingüística Geral, 2000).

Embora tenhamos iniciado este trabalho com um comentário sobre o fenômeno lingüístico da linguagem como comunicação, o que propomos discutir e pensar na apresentação do mesmo é a linguagem estruturada enquanto *discurso*, ou seja, tomamos a linguagem na condição de produtora de realidade, de relações sociais e de sujeitos. Para isso, vale as ressalvas feitas por Brandão (Introdução à Análise do Discurso, 1995) de que

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (p.12)

E a de Orlandi (Análise do Discurso – Princípios e procedimentos, 1999) quando coloca que o discurso é “[...] palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.”. Portanto, partimos da idéia de que a linguagem estruturada como discurso é fruto de

um contexto social e histórico e, para, além disso, as práticas discursivas são o lugar onde a ideologia se manifesta e/ou se materializa.

Desta forma, tratamos o discurso enquanto linguagem em funcionamento (*em movimento*), ou seja, falamos da linguagem praticada, em circulação, veiculada por instituições como a mídia, a educação, a ciência, a religião, a arte ou por práticas conversacionais diversas espalhadas pelo cotidiano.

A partir desta compreensão traçamos duas pressuposições antagônicas que conduzem o trabalho: a) existem discursos ou máximas sociais amplamente reconhecidos, compartilhados e instalados no corpo social, sendo entendidos como os discursos hegemônicos e dominantes; b) e há o discurso do humor, o qual tem por características: possibilitar a inversão e a deformação das máximas sociais e os discursos sérios e/ou instituídos, bem como, por tornar possível uma produção de sentido contra-hegemônica ou diferenciada destes discursos dominantes.

A primeira pressuposição diz respeito aos discursos instituídos sobre qualquer coisa, situação, tema, etc. A instalação dos mesmos no corpo social ocorre em virtude da repetição à exaustão e de estarem dispersos em diferentes textos, o que os torna providos de um forte sentido de verdade.

Barthes (Aula, 1988), de maneira bastante radical, denunciou o efeito dominador da linguagem ao afirmar categoricamente que “toda a linguagem é fascista.”, não exatamente por interditar, mas por “obrigar a dizer” dentro do convencionalismo e de uma dada gramática da língua. Mas ele próprio, no mesmo texto, também reconhece que não há como viver fora da língua e que a alternativa possível para o sujeito é trapacear com ela, tal como faz a literatura e a poesia.

Em nosso trabalho, tomamos *o discurso do humor* presente no desenho animado South Park, como possibilidade de “trapacear com a língua” e como forma ou tipo de discurso que possibilita uma produção de sentido contra-hegemônica ou diferenciada dos discursos dominantes. O humor será tomado como um discurso à deriva, caracterizado pela busca de inversão e a deformação do que é sério e/ou instituído.

O referencial teórico que fundamenta o nosso trabalho é o da *Análise do Discurso* (doravante AD), mas especificamente à escola francesa de AD, já que nessa corrente teórica trata-se “[...] de pensar a relação entre o ideológico e a lingüística, evitando reduzir o discurso à análise da língua ou, ao contrário, de dissolver o discursivo no ideológico [...]” (MAINGUENEAU, Termos-chave da Análise do Discurso, 1998). Dito de outra forma, através da AD podemos ir no encalço dos sentidos que, pela produção social, permeiam e emergem no tipo de discurso que optamos por estudar: o discurso do humor.

Ao fazermos um breve levantamento histórico acerca do humorismo (ARÊAS, Iniciação à Comédia, 1990; GIL, Linguagem da Surpresa, 1993; MINOIS, História do Riso e do Escárnio, 2003), notamos que tal discurso ao logo dos séculos esteve vinculado a uma visão contra-hegemônica de mundo, das relações humanas, dos sentimentos, etc. além de ser considerado um gênero menor, grotesco.

Contudo, vale a ressalva de que, na contemporaneidade o humor passa a ser uma das principais formas de mediação com o mundo (JUSTO, Humor, educação e pós-modernidade, 2006), assim seu discurso passa a figurar nas mais diversas manifestações da cultura. Entretanto, majoritariamente, com um viés diferente, assumindo o papel de objeto de consumo e/ou de mediação do consumo, por exemplo, vide as propagandas “engraçadinhas” (LIPOVETSKY, Era do vazio, 2005). Assim, suas mais acentuadas características: crítica, acidez, combatividade, etc. são amplamente neutralizadas, uma vez que, o humor passa ao estado de simples diversão.

Porém, julgamos que ainda há meios que vinculem o humor com a sagacidade de outros tempos, questionando e satirizando as máximas e as convenções instituídas de forma ácida, corrosiva, implacável. Apontamos nosso *corpus* de estudo (o desenho animado **South Park**) como sendo um deles, ainda que este faça parte da indústria do entretenimento, pois o discurso contido em seus episódios está sintonizado com os propósitos do discurso humorístico, ou seja, “de repensar as convenções” (ARÊAS, *idem*, 1990), escrachar situações cotidianas e as personalidades públicas, etc.

Relembrando que em nosso trabalho: buscamos verificar e descrever como o humorismo funciona e é praticado na construção do discurso “southparkiano”, partindo do pressuposto da existência de discursos consagrados, sérios e instituídos e o discurso do escracho/humor, explicitaremos com dois exemplos as inversões e subversões que o desenho animado South Park promove aos discursos, consagrados e instalados no corpo social, acerca da apologia às diferenças e da medicalização

Apologia às Diferenças

É possível notarmos na contemporaneidade que há um enaltecimento extensivo as singularidades e diferenças que marcam (*demarcam?*) os sujeitos, entretanto, evidentemente, tal enaltecimento se dá com certas peculiaridades. Enfocaremos em uma única e específica: o policiamento social do “respeito” às diferenças, expressado através do discurso politicamente correto (TOURAINÉ, Poderemos Viver Juntos? Iguais e Diferentes, 1998).

O citado discurso de “respeito” às diferenças é proveniente do politicamente correto, o qual engessa e inviabiliza qualquer fala contrária a ele, a qual, se por ventura, for pronunciada soará como deselegância, desrespeito, ignorância e/ou grosseria. Dessa forma a diferença não pode ser corriqueira, casual, ou, simplesmente, existente, há de ser demarcada e pontuada claramente. Embora ressaltemos que tal demarcação deva ser diplomática e polida para não “infringir” as leis do “policiamento” promovido pelo politicamente correto.

Assim posto, podemos lembrar facilmente de alguns clichês correntes acerca da apologia às diferenças, como exemplos: “*essa pessoa sempre foi ridicularizada e rejeitada por sua diferença, portanto todos devem entender essa diferença, para deixar de ‘zombar’ e passar a respeitá-la!*” (o diferente); “*ainda bem que somos diferentes, imagina se nós todos fossemos iguais?*”, podemos até pensar em certo cinismo nesta última, pois ao mesmo tempo em que a diferença é enaltecida, ela

pontua certo alívio de quem a profere, algo como “*ainda bem que o outro é diferente!*”, ou seja, “*ainda bem que isto aí* (imaginem em tom pejorativo) *não é igual a mim.*”.

Como já foi dito, tomamos o discurso “southparkiano” como possibilitador de outros vieses a discursos clichês, para apresentarmos a inversão promovida no desenho animado analisamos o episódio intitulado “*Conjoined Fetus Lady*” (*A moça com o feto conjunto*, em tradução livre).

Para situar aqueles que desconhecem, South Park é uma cidade fictícia do Colorado, nos Estados Unidos, onde os protagonistas, crianças da 3ª série (Stan, Kyle, Eric Cartman e Kenny), vivem as mais diversas situações.

No episódio citado, há a enfermeira da escola, Sra. Gollum, a qual possui um distúrbio chamado *Mislexia do Gêmeo Conjunto*. Esta enfermidade consiste no nascimento de gêmeos siameses, onde um deles nasce morto.

Kyle se machuca na aula de educação física e tem de ir à enfermaria. Após ver a Sra. Gollum conta aos outros o que vira, espantados eles começam a especular sobre o feto e a tal anomalia, denotando certo medo, nojo, etc. A mãe de Kyle ao ouvi-los fica indignada e, como primeiro passo em sua “luta pela defesa” da diferença da Sra. Gollum, ensina aos garotos sobre o distúrbio, no entanto o faz dizendo que qualquer um pode ter um feto morto dentro de si e nem saber, o que, obviamente, assusta intensamente as crianças, principalmente Cartman e Stan.

Após isso, a mãe de Kyle procura a escola a fim de iniciar um movimento para tornar a enfermeira e sua diferença visível, nas palavras da mãe: “a doença dela deveria ser mostrada para todos, assim isso poderia ser entendido ao invés de ficarem zombando” e ela ainda prossegue “essa pobre mulher é forçada a viver nas sombras porque **ela se sente como uma rejeitada. É nosso dever fazer com que ela se sinta confortável**” (grifo nosso). Nesta fala, julgamos ser notória a atuação e propagação do discurso, instaurado no corpo social, do politicamente correto de apologia às diferenças. Afinal, o diferente deve ser protegido (*e demarcado*) pelas almas “bem intencionadas”, pois é o coitado, o rejeitado, isto, claro, segundo estas (“*boas*”) almas.

Dessa forma, acontece toda uma articulação entre: a mãe de Kyle, a escola e a prefeitura de South Park, a fim de promover a *Semana da Mislexia do Gêmeo Conjunto*, a qual visaria chamar a atenção das pessoas para os portadores desta doença. Assim, acontece a *Parada Conjunta Anual* e criam o *Prêmio da Mislexia do Gêmeo Conjunto*, sendo este vencido pela Sra. Gollum e aquela integrada somente pela enfermeira, vale comentar a ironia de que a Parada tem cerca de 10 pessoas como organizadoras.

O que podemos notar aqui é um enaltecimento, evidentemente, exagerado a uma diferença, uma vez que o evento promovido e a mobilização em South Park decorrem em função da única pessoa da cidade portadora da enfermidade, a qual, a todo o momento, se coloca como uma pessoa feliz (*bem diferente da pessoa que vive nas sombras, dita pela Mãe de Kyle*), além de salientar não ter problemas com a sua diferença. Ao contrário, do que todos pensam em South Park ser proteção e visibilidade ao diferente, torna-se um constrangimento a Sra. Gollum, além de que o enaltecimento de sua doença

acaba por não a incluir na sociedade “south parkiana”, mas sim promover uma marcação severa de sua particularidade.

O discurso do politicamente correto também atua fortemente neste processo de visibilização, pois blinda e silencia os possíveis estranhamentos e comentários jocosos quanto ao feto morto. Aliás, toda a movimentação se dá justamente pelos comentários catárticos e livres das crianças sobre a enfermeira.

Ao final do episódio e da *Semana da Mislexia do Gêmeo Conjunto*, os criadores de South Park, através de um discurso da Sra. Gollum, o qual reproduzimos adiante, dão o golpe final no discurso cristalizado e clichê de apologia às diferenças:

O que eu realmente gostaria de dizer é, bem isto pode soar estranho vindo de uma mulher com um feto preso na cabeça, mas vocês são todos um bando de malucos! Vocês não perceberam que a última coisa que eu gostaria, seria ser diferenciada dos outros? Eu só quero fazer o meu trabalho e viver a minha vida como qualquer pessoa normal, mas, ao invés disso, vocês fizeram de tudo para enfocar o meu problema durante a semana toda. Olha, eu não quero ser tratada diferentemente. Eu não quero ter tratamento especial ou ser tratada cautelosamente, eu só quero ser ridicularizada, ser apontada e feita de bobo como todos vocês fazem uns com os outros.

Assim, o discurso do humor politicamente incorreto através da ironia ácida e do escracho de máximas e/ou discursos convencionais possibilita uma inversão e reflexão no e do sentido destes. Em nossa exposição, especificamente, ao demonstrar um viés de que a diferença não necessita ser pontuada ou pautar o tratamento da pessoa que é diferente. A particularidade pode ser encarada, somente como sendo particular.

Além disso, o desenho animado atenta para a delimitação do sujeito a uma característica, o que acarreta nele ser visto, compreendido e tratado exclusivamente em função daquele caractere, ao invés de, como o enredo do episódio sugere, ser encarado como apenas mais um membro da sociedade, o qual deve ser respeitado e ridicularizado.

Medicalização

Quanto à *medicalização*, é possível elencar alguns caracteres discursivos pertinentes envolvendo tal temática no contemporâneo, entretanto, nos ateremos a um ponto que julgaremos principal, o qual diz respeito à prescrição banalizada e pouco criteriosa de psicofármacos.

Não pretendemos entrar profundamente nos debates suscitados por esse incandescente assunto, apenas salientamos o quanto a medicação tem sido resposta fácil e pronta para quaisquer desvios. Assim, se o remédio é a solução para todos os males, o diagnóstico tem de ser feito a pronta-entrega, o que, muitas vezes, resulta na medicação pela medicação, uma vez que, o medicamento **deve** ser receitado, não importa como ocorrerá e/ou transcorrerá o processo de diagnóstico.

Em South Park, tomaremos o episódio “*Timmy 2000*” como objeto de análise. Neste há o surgimento de um novo companheiro para os protagonistas: Timmy, o qual detém tanto deficiências

físicas, quanto cognitivas. Um detalhe importante a ser ressaltado é que Timmy só consegue dizer seu nome e nada mais.

Durante uma aula de história, Sr. Garrison (professor das crianças) faz diversas indagações a Timmy, o qual responde apenas o que pode responder: Timmy! Assim, o professor julga que o garoto está somente tirando sarro e lhe manda para a direção. Lá o conselheiro da escola, Mr. Mackey, “detecta” que Timmy tem DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção), assim Mackey, a diretora e Timmy vão a um psicólogo para confirmação ou não de tal “diagnóstico”.

O teste aplicado pelo psicólogo é bem peculiar, ele lê um romance INTEIRO para Timmy e ao final pergunta qualquer detalhe tolo, o qual, obviamente, é respondido com um sonoro: Timmy! Pronto. O garoto está diagnosticado como tendo DDA e lhe é receitado Ritalina.

No dia seguinte, Timmy entrega ao Sr. Garrison um bilhete da direção, o qual libera o menino de seus deveres de casa. Assim, todas as crianças almejam fazer o teste para serem diagnosticadas e não terem de fazer suas lições também. Como já é esperado, vide a metodologia utilizada no teste aplicado pelo psicólogo, todas as crianças são diagnosticadas e também lhes é prescrito Ritalina.

Ao tomarem a droga, as crianças passam a ficar apáticas, sem graça, além disso, Cartman sofre de um dos efeitos colaterais provocados: passa a enxergar monstrinhos cor-de-rosa com a cabeça da Christina Aguilera. E, o que é demonstrado como sendo o pior de tudo, se animam muito para irem assistir um show do Phil Collins.

O cozinheiro da escola aterrorizado com esta situação de medicação excessiva procura uma solução. Primeiro encontra os pais das crianças, os quais não conseguem tomar ciência da situação preocupante, pois aproveitam que seus filhos estão tomando Ritalina e também o fazem, ficando, desta forma, tal como as crianças: apáticos e lesados.

Depois vai a farmácia discutir com o farmacêutico e, pasme, lá estão este e o psicólogo se regozijando das altas que as ações da Ritalina atingiram no Mercado. Irritado o cozinheiro discursa contra os dois, diz ele “por todo o país, vocês doutores canalhas estão dando Ritalina para as crianças! E para cada criança que realmente precisa, vocês dão para 50.000 que NÃO precisam!”, para depois expor como situação já se encontrava. Os dois se entristecem e se lamentam (afinal, crianças gostando de Phil Collins, para eles, é demais). Assim, providenciam Ritalout (um anti-Ritalina) para que as crianças voltem a si, o que dá certo.

Outras falas exemplares, como o citado discurso do Cozinheiro, são proferidas em um diálogo entre as mães de Kyle e Stan, as duas estão em na fila da farmácia esperando para comprar Ritalina para os filhos, uma diz “eu devia saber. Tudo faz sentido agora. Nunca conseguia fazer o Stanley prestar atenção no avô dele quando este lhe contava histórias dos anos 30.” e outra coloca “eu sei o que você quer dizer. Kyle fica tão agitado, às vezes ele corre e grita como um garoto de oito anos.”.

Desta forma, o discurso humorístico contido em South Park atenta para a possibilidade perniciosa de se receitar indiscriminadamente medicamentos, bem como, escracha os diagnósticos

rasos e interesseiros da indústria farmacêutica (representada no episódio pelo farmacêutico e pelo psicólogo).